

Título do documento: Plano de Aclimação		Código do documento: PGS-MFS-EHS-211	Revisão: 00
Elaboração – Responsável Técnico: Saúde e Higiene Ocupacional		Aprovação: EHS Services	
Data de homologação: 30/08/2024	Prazo máximo de revisão: 30/08/2027	Departamento de Origem: Saúde e Higiene Ocupacional	
Público Alvo: Profissionais de saúde que trabalham nos ambulatórios Mosaic, Gestores e empregados expostos ao risco calor			
Permite autotreinamento: () Sim (X) Não		Necessita de treinamento na última revisão: (X) Sim () Não	

1. OBJETIVO

Estabelecer critérios e procedimentos para a adaptação e avaliação da exposição gradual ocupacional ao calor que implique sobrecarga térmica ao trabalhador.

2. ESCOPO

Esse plano deve ser aplicado aos empregados expostos ao calor em ambientes internos ou externos, com ou sem carga solar direta, em quaisquer situações de trabalho que possam trazer danos à saúde dos trabalhador, não estando, no entanto, voltada para a caracterização de conforto térmico.

3. DEFINIÇÕES

Aclimatização/Aclimação: adaptação fisiológica decorrente de exposições sucessivas e graduais ao calor que visa reduzir a sobrecarga fisiológica causada pelo estresse térmico.

Ciclo de exposição: conjunto de situações térmicas ao qual o trabalhador é submetido, conjugado às diversas atividades físicas por ele desenvolvidas, em uma sequência definida.

Grupo de exposição similar (GESou GHE): corresponde a um grupo de trabalhadores que experimentam exposição semelhante, levando em consideração as condições térmicas e as atividades físicas desenvolvidas, de forma que o resultado fornecido pela avaliação da exposição de parte do grupo seja representativo da exposição de todos que compõem o mesmo grupo.

Índice de bulbo úmido termômetro de globo (IBUTG): índice utilizado para avaliação da exposição ocupacional ao calor que leva em consideração temperatura, velocidade e umidade do ar e calor radiante.

Índice de bulbo úmido termômetro de globo médio (IBUTG): média ponderada no tempo dos diversos valores de IBUTG obtidos em um intervalo de 60 minutos corridos.

Limite de exposição ocupacional: valor máximo de IBUTG relacionado à taxa metabólica média (M). Representa as condições sob as quais se acredita que a maioria dos trabalhadores possa estar exposta, repetidamente, durante toda a sua vida de trabalho, sem sofrer efeitos adversos à sua saúde.

Nível de ação: valor acima do qual devem ser adotadas ações preventivas de forma a minimizar a probabilidade de as exposições causarem danos à saúde do trabalhador. Esse valor corresponde ao limite de exposição ocupacional ao calor para trabalhadores não aclimatizados.

Ponto de medição: ponto físico escolhido para posicionamento do dispositivo de medição onde serão obtidas as leituras representativas da situação térmica objeto de avaliação.

Situação térmica: cada parte do ciclo de exposição na qual as condições do ambiente que interferem na carga térmica a que o trabalhador está exposto podem ser consideradas estáveis.

Taxa metabólica (M): quantidade de energia por unidade de tempo produzida no interior do corpo humano que leva em consideração a atividade física exercida.

Taxa metabólica média (\overline{M}): média ponderada no tempo das taxas metabólicas obtidas em um intervalo de 60 minutos corridos.

Valor teto: valor de IBUTG relacionado a uma taxa metabólica que define condições extremas nas quais o trabalhador não é mais capaz de manter o equilíbrio térmico, implicando aumento da temperatura central de 1°C em menos de 15 minutos.

4. PAPEIS E RESPONSABILIDADE

4.1. Supervisor:

- Direcionar funcionário ao Ambulatório, seguindo os critérios estabelecidos no plano de aclimação e fluxograma.

4.2. Técnico de enfermagem

- Realizar aferição da PA;
- Orientar cuidados padronizados e assinatura do termo de ciência;
- Entregar cartão de acompanhamento;
- Avaliar amostra de urina conforme procedimento;
- Preencher planilha de acompanhamento.

4.3. Empregado candidato a aclimação:

- Realizar monitoramento durante período máximo de 07 dias, (Seguindo a escala de turno de cada unidade e particularidade de CTV que a escala de turno e de 6 dias);
- Seguir as orientações fornecidas pelo técnico de enfermagem;
- Passar no início e final da jornada de trabalho no Ambulatório para avaliação;
- Preencher cartão de acompanhamento recebido e entregar no final da aclimação.

4.4. Supervisor de saúde:

- Realizar supervisão do processo;
- Realizar triagem dos empregados que apresentarem alteração nos resultados

4.5. Médico do trabalho:

- Gerenciar o plano de aclimação;
- Observar alterações
- Fazer acompanhamento e conduta.

5. REQUISITOS

O Plano de Aclimação ao calor deve ser colocado em prática quando ocorre a realização de atividades físicas e exposições ao calor. Esse plano deve ser estruturado e implementado sob supervisão médica, para que, de forma progressiva, o empregado atinja as condições de sobrecarga térmica similares àquelas previstas para a sua rotina normal de trabalho.

O Plano é necessário sempre que houver exposição ocupacional ao calor acima do nível de ação, cujos limites estão estabelecidos na NR 15, Anexo 3 - LIMITES DE TOLERÂNCIA PARA EXPOSIÇÃO AO CALOR.

Com as alterações da NR 9, o Anexo 3 – Calor determina:

- A avaliação quantitativa do calor deverá ser realizada com base na metodologia e procedimentos descritos na Norma de Higiene Ocupacional -NHO 06;

- Quando houver a necessidade de elaboração de plano de aclimatização, devem ser considerados os parâmetros previstos na NHO 06 da Fundacentro ou outras referências técnicas emitidas por organização competente.

Neste sentido, a NHO 06 orienta: *“Para exposições acima do nível de ação, deve ser realizado um plano de aclimatização gradual. Neste caso, o trabalhador inicia suas atividades cumprindo um regime de trabalho mais ameno, que deve ter como ponto de partida os valores do nível de ação, sendo a sua exposição elevada progressivamente até atingir a condição da exposição ocupacional existente na rotina de trabalho (condição real). (...) O plano de aclimatização deve ser elaborado a critério médico em função das condições ambientais, individuais e da taxa de metabolismo relativa à rotina de trabalho.”*

O Calor também tem impacto na aposentadoria especial do trabalhador e os resultados das avaliações ambientais podem ser aproveitados na elaboração do LTCAT.

Os efeitos que o calor pode produzir sobre o corpo, podem ser classificados em doenças provenientes da sua exposição e queimaduras.

Quanto às doenças, estas têm origem na excessiva exposição ao calor, da qual podem advir vários tipos de patologias, entre as quais: a desidratação, a hipertermia, inflamação das glândulas sudoríparas, modificação comportamental e outras tais como: insolação ou choque térmico, hiperpirexia, síncope, exaustão, câimbras, erupção, fadiga, tensão (Stress).

Além dos efeitos à saúde, o stress térmico por calor, causa fadiga, afeta o desempenho, a vigilância e a produtividade – Wasterlund (1998).

5.1. CONSEQUENCIAS DO CALOR NO CORPO HUMANO

O calor provoca diversas alterações de ordem cardiovascular acarretando em menor dissipação do calor e redução da função muscular, com consequente prejuízo no desempenho (CASA et al, 1999). No corpo humano, a principal forma de dissipação do calor durante o exercício é através da evaporação do suor. Esta perda de água corporal promovida pela sudorese pode ser substancial, promovendo desidratação (ACSM, 2007), sendo este quadro identificado através de marcadores como alterações na massa corporal, coloração da urina, entre outros (ARMSTRONG et al, 1998). De uma maneira geral, verifica-se que a exposição ao calor com atividade física apresenta redução aproximada de 2% na massa corporal (ACSM, 2007). Sendo assim, as recomendações do American College of Sports Medicine (ACSM, 2007) e da National Athletic Trainer's Association (NATA, 2000), apontam que a ingestão de líquidos durante a atividade física com exposição ao calor deve ser proporcional à perda, ocorrendo em intervalos regulares. Por outro lado, alguns autores acreditam que a sede é suficiente para a manutenção do estado de hidratação, evitando uma ingestão excessiva de líquidos que também contribuiria para o decréscimo no desempenho (MACHADO-MOREIRA et al, 2006).

Dentre as várias adaptações cardiovasculares: aumento no volume intersticial, na quantidade de água corporal, parece que os principais ajustes cardiovasculares com a aclimação ao calor são a diminuição da frequência cardíaca e aumento do volume plasmático. A diminuição da frequência cardíaca provavelmente ocorre devido a ajustes centrais que diminuem o tônus simpático para o coração em virtude do atual menor estresse representado pela mesma situação térmica de antes da aclimação. Já o aumento no volume plasmático parece ser causado pelo aumento na concentração plasmática de sódio, devido à reabsorção renal e produção de um suor mais diluído; ou ainda pelo aumento na quantidade de água corporal.

Outra importante adaptação da aclimação ao calor, são as modificações nos vasos sanguíneos da pele. Tais modificações permitiriam maior dilatação arteriolar na pele, ou utilização mais eficiente do fluxo sanguíneo para a pele no que diz respeito à transferência de calor.

O aumento da capacidade sudorípara, devido ao processo de aclimação, contribui para um menor acúmulo de calor corporal (WENGER, 1988). Alguns autores consideram que o aumento da capacidade de suar em resposta à aclimação ao calor seja uma adaptação periférica, na glândula sudorípara. Estas alterações periféricas incluem o aumento da sensibilidade da glândula sudorípara écrina (COLLINNS e col., 1965) e o aumento do tamanho destas glândulas.

Outras alterações na dissipação de calor que ocorrem com a aclimação ao calor são as reduções da temperatura para início da sudorese e também para início da vasodilatação, fazendo com que a perda de calor pela evaporação do suor produzido e pela vasodilatação sejam iniciadas mais cedo.

5.2. QUANDO ACLIMATAR O EMPREGADO

Serão considerados empregados candidatos ao processo de aclimação os que possuírem exposição ao calor no Limite de Exposição Ocupacional ao calor de acordo com os dados contidos na Avaliação Ambiental. Segundo a NHO 06, são considerados não aclimatizados os trabalhadores:

- Que iniciarem atividades que impliquem exposição ocupacional ao calor;
- Que passarem a exercer atividades que impliquem exposição ocupacional ao calor mais críticas do que aquelas a que estavam expostos anteriormente;
- Que, mesmo já anteriormente aclimatizados, tenham se ausentado da condição de exposição por mais de 6 ou 7 dias;
- Que tiverem exposições eventuais ou periódicas em atividades nas quais não estão expostos diariamente.

5.3. OPERACIONALIZAÇÃO

Medir os parâmetros vitais (pressão arterial, frequência cardíaca), antes de iniciar a aclimação e deixar registrado em planilha (ANEXO I). Esse registro servirá para rastreio e não tem valor para avaliar a exposição ao calor, visto que a atividade ocupacional em si, assim como atividade física alteram esses parâmetros.

5.4. TEMPO DE DURAÇÃO DA ACLIMAÇÃO:

Quando a situação de stress térmico e o regime de trabalho por ciclos de Trabalho/Descanso, a ISO 7243/89 recomenda a aclimação do trabalhador de forma gradual com duração mínima de sete dias (LAMBERTS; XAVIER, 2002).

Nos DIAS 1, 2 e 3 de aclimação:

- Fazer, no ambulatório, a avaliação pré exposição ao calor;
- Reavaliar, no ambulatório, após 180 minutos contados do início da exposição ao calor.

Nos DIAS 4 e 5 da aclimação:

- Fazer, no ambulatório, a avaliação pré exposição ao calor;
- Reavaliar, no ambulatório, após 300 minutos contados do início da exposição ao calor.

Nos DIAS 6 ou 7 da aclimação:

- Fazer, no ambulatório, a avaliação pré exposição ao calor;
- Reavaliar, no ambulatório, após 360 minutos contados do início da exposição ao calor.

Observações:

- 1) Todos os dados deverão ser registrados na planilha do ANEXO I e guardados em pasta com essa finalidade no ambulatório.
- 2) O período de aclimação seguirá por 6 ou 7 dias trabalhados, desta forma o dia de folga não será contado como dia efetivo para a aclimação.
- 3) O trabalhador será orientado que a cada pausa ele consuma pelo menos 150ml de água potável e fresca.
- 4) Durante toda a jornada de trabalho o empregado tem livre acesso a bebedouros para a ingestão de água em livre demanda ou através do uso de garrafas térmicas.
- 5) O empregado é orientado a acionar ajuda a qualquer momento do processo, caso não se sinta bem.

Quadro 1

ACCLIMATIZAÇÃO	JORNADA	EXEMPLO	DETERMINAÇÃO
DIA 01	50% da jornada de trabalho com exposição ao calor	Jornada de 6 horas com exposição	Reduzir a jornada com exposição para 3h (as demais horas deverão ser trabalhadas sem exposição ao calor). Preencher a planilha de acompanhamento. (ANEXO I)
DIA 02	50% da jornada de trabalho com exposição ao calor	Jornada de 6 horas com exposição	Reduzir a jornada com exposição para 3h (as demais horas deverão ser trabalhadas sem exposição ao calor). Preencher a planilha de acompanhamento. (ANEXO I)
DIA 03	50% da jornada de trabalho com exposição ao calor	Jornada de 6 horas com exposição	Reduzir a jornada com exposição para 3h (as demais horas deverão ser trabalhadas sem exposição ao calor). Preencher a planilha de acompanhamento. (ANEXO I)
DIA 04	80% da jornada de trabalho com exposição ao calor	Jornada de 6 horas com exposição	Reduzir a jornada com exposição para 5h (as demais horas deverão ser trabalhadas sem exposição ao calor). Preencher a planilha de acompanhamento. (ANEXO I)
DIA 05	80% da jornada de trabalho com exposição ao calor	Jornada de 6 horas com exposição	Reduzir a jornada com exposição para 5h (as demais horas deverão ser trabalhadas sem exposição ao calor). Preencher a planilha de acompanhamento. (ANEXO I)
DIA 06	100% da jornada de trabalho com exposição ao calor.	Jornada de 6 horas com exposição	Respeitar a jornada com exposição para 6h.
DIA 07	100% da jornada de trabalho com exposição ao calor.	Jornada de 6 horas com exposição	Respeitar a jornada com exposição para 6h.

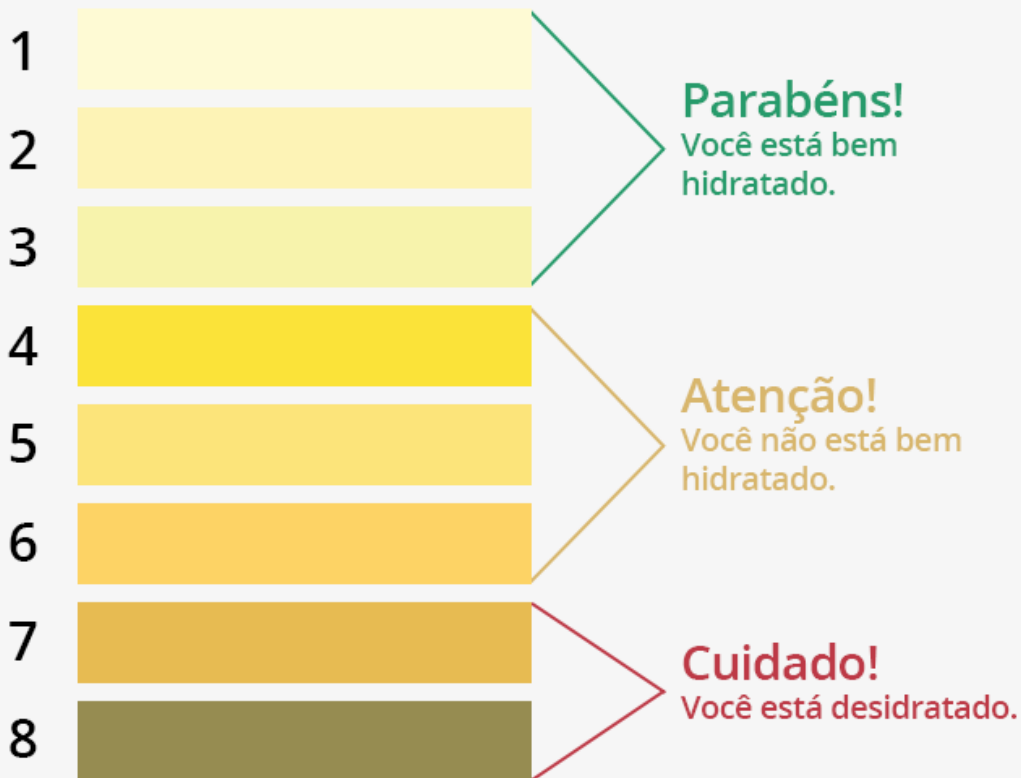
SINAIS E SINTOMAS A SEREM OBSERVADOS DURANTE O PROCESSO

SINAIS DE DESIDRATAÇÃO

Hidratado (mucosas oftálmicas úmidas, saliva fluida, pele sem o sinal da prega cutânea, com diurese presente)	Desidratado (olhos ressecados, saliva espessa, pele com sinal da prega, sem diurese – só precisa um desses sinais para enquadrar como desidratado)
<ul style="list-style-type: none"> Manter aclimatização. 	<ul style="list-style-type: none"> Parar aclimatização e entrar em contato com o médico da unidade; Deixar o empregado em ambiente com temperatura amena e em repouso. Hidratação (de preferência via oral). <p>Obs: hidratar com água e, a critério médico, acrescentar sais de hidratação.</p>

COLORAÇÃO DA URINA

Tabela de Coloração da Urina



Fonte: ARMSTRONG, S., C. M. MARESH, J. W. CASTELLANI, M. F. BERGERON, and R. W. KENEFICK. Urinary indices of hydration status. *International Journal of Sports Nutrition* 4:265-279, 1994.

A avaliação da urina deverá ocorrer antes do início do processo de aclimação e também após o final do processo, diariamente. Ou seja, no dia teremos 2 amostras por empregado que deverão ser analisadas logo após a coleta e descartadas em local adequado. A análise ocorrerá comparando a urina coletada com a TABELA DE COLORAÇÃO DA URINA.

Após a comparação com a TABELA DE COLORAÇÃO DA URINA , o que fazer?		
1/2/3	4/5/6	7/8

<p>Empregados hidratados. Oferecer água, caso sintam sede.</p> <p>Continuar o processo de aclimatização.</p>	<p>Oferecer água e orientar que está em processo de quase desidratação. Falar sobre os riscos da desidratação e a necessidade da água.</p> <p>Após a ingesta hídrica, poderá prosseguir a aclimatização.</p>	<p>Oferecer água e orientar que está em processo de desidratação. Falar sobre os riscos da desidratação e a necessidade da água.</p> <p>Avaliar com o médico sobre o processo de aclimatização*.</p> <p>Reiniciar no dia seguinte após a orientação de ingerir no mínimo 40ml/Kg/dia de água e 500ml 2 horas antes de iniciar as atividades no calor.</p> <p>*O horário de trabalho nesse dia deverá ser cumprido fora da exposição ao calor.</p> <p>O médico avaliará a necessidade de prescrever sais de hidratação oral.</p>
--	--	---

Orientações para o técnico de enfermagem:

- 1) Deve-se tomar o cuidado de examinar a amostra com boa fonte de luz, olhando através do recipiente contra um fundo branco.
- 2) A cor amarela da urina é devido à presença de um pigmento marrom-vermelho denominado urocromo (derivado da urobilina). O urocromo é um produto do metabolismo endógeno que, em condições normais, é produzido em **velocidade constante**.
- 3) A quantidade de urocromo aumenta quando a urina permanece à temperatura ambiente. Por isto, a análise da coloração da urina deve ser **no momento da coleta** e não deve ser armazenada para ser analisada mais tarde.
- 4) Como o urocromo é excretado de forma constante, a intensidade da cor amarela em uma amostra recém eliminada pode fornecer uma estimativa aproximada da concentração urinária.
- 5) A urina diluída será pálida; uma amostra concentrada será escura. Deve-se lembrar que, devido a variações no estado de hidratação do organismo, essas diferenças na cor amarela da urina são normais.
- 6) Alguns medicamentos alteram a coloração da urina, isto deve ser questionado e colocado no questionário do Anexo 1.
- 7) Se a empregada for do sexo feminino, questionar se está no período menstrual antes da coleta da urina;
- 8) A urina coletada não deverá ser a primeira urina do dia, a fim de não falsear a análise, já que a primeira urina do dia é comumente mais concentrada.
- 9) Deverá entregar o cartão do ANEXO III, no início da aclimação, verificar diariamente o adequado preenchimento e recolher ao final do processo no 7º dia todo preenchido pelo funcionário.

Serão considerados empregados aclimatados todos aqueles que tenham passado pelo processo de aclimação por pelo menos 6 ou 7 dias e:

- Que tenham apresentado uma boa tolerância ao calor além de não apresentarem alterações hemodinâmicas importantes;
- Não apresentarem queixas e/ou sinais de desidratação durante o processo de aclimatização;
- Os que apresentarem queixas e ou sinais de desidratação (sem sinais de comprometimento hemodinâmico importante), porém após o repouso e a hidratação adequada, os sinais de desidratação desapareceram.

5.5. ORIENTAÇÕES PARA A EMPRESA

- Favorecer a aclimação do empregado segundo a NHO 06;

- Fornecer ponto de descanso com temperatura mais amena, quando indicado;
- Disponibilizar acesso do empregado a água fresca;
- Respeitar as pausas de descanso, quando aplicável
- Obedecer Fluxograma do ANEXO IV.

5.6. ORIENTAÇÕES ADEQUADAS AO EMPREGADO

O técnico de enfermagem deverá passar essas orientações verbalmente ao empregado e pedir que ele assine o ANEXO II. A cada processo de aclimação, o empregado deverá assinar no primeiro dia de aclimatização.

- Ingerir **no mínimo** 40ml/Kg de peso/dia de água;
- Respeitar as pausas de descanso, quando aplicável;
- Realizar a higienização de garrafas térmicas de porte individual;
- Ingesta de pelo menos 500ml de água nas duas horas antecedem a atividade laboral com exposição a calor;
- Evitar exposição excessiva ao sol sem proteção solar e sem hidratação;
- Ficar alerta com os sinais de desidratação: saliva espessa, urina escura. Caso isto ocorra, ingerir água;
- Não negligenciar a sede. Se deu sede, beba água;
- O empregado deverá informar seu superior sobre qualquer sintoma ocorrido durante a atividade laboral e sobre situações de risco relacionados à exposição ao calor;
- Refrigerantes e bebidas alcoólicas podem piorar a desidratação;
- Compete ao empregado o preenchimento do cartão constante no ANEXO III;
- Os empregados devem estar cientes que algumas doenças podem limitar o trabalho sob condições de sobrecarga térmica, tais como, doenças cardiovasculares, hipertensão arterial não compensada, diabetes não compensada e obesidade (IMC>30), segundo a NHO 06 no tópico 10.1.

6. TREINAMENTO

Profissionais de saúde que trabalham nos ambulatórios Mosaic, Gestores e empregados expostos ao risco calor.

7. REFERENCIAS

American College of Sports Medicine. ACSM. Exercise and fluid replacement. Med Sci Sports Exerc, Feb;39(2):377-90. Review, 2007.

Armstrong, L.E et al. Urinary indices during dehydration, exercise and rehydration. Int J Sport Nutr.8:345- 55, 1998.

BUONO, J. M., HEANEY, J. H., CANINE K. M. Acclimation to humid heat lowers resting core temperature. *Am J Physiol Regulatory Integrative Comp Physiol*, v. 274, p. 274-1295, 1998.

Casa, DJ. Exercise in the Heat. I. Fundamentals of Thermal Physiology, Performance Implications, and Dehydration. *Journal of Athletic Training*, 34 (3):246-252, 1999.

COLLINS, K.J., CROCKFORD, G.W., WEINER, J.S.. Sweat-gland training by drugs and thermal stress. *Arch Environ Health*, v. 11, p. 407-422, 1965.

LAMBERTS, R., XAVIER, A.U.P. Conforto térmico e stress térmico. Laboratório de eficiência energética em edificações. Florianópolis: UFSC, 2002.

Norma de Higiene Ocupacional: NHO 06: Procedimento técnico: Avaliação da exposição ao calor/Fundacentro; 2ª edição – São Paulo: Fundacentro, 2017.

HORSTMAN, D. H. and CHRISTENSEN, E. Acclimatization to dry heat: active men vs. active women. *J Appl Physiol*, v.; 52, p. 825 – 831, 1982.

Machado-Moreira, C.A et al. Hidratação durante o exercício: a sede é suficiente?. *Rev Bras Med Esporte*, vol. 12, nº 6, Nov/Dez, 2006.

National Athletic Trainers' Association Position Statement: Fluid Replacement for Athletes (NATA). *Journal of Athletic Training* 35 (2):212-224, 2000

NITCHELL, D., SENAY, L. C., WYNDHAM, C. H., VAN RENSBERG, A. J., ROGERS, G. G., STRYDOM, N. B. Acclimatization in a hot, humid environment: energy exchange, body temperature, and sweating. *J Appl Physiol*, v. 40, p. 768 – 778, 1976.

PANDOLF, K. B., CADARETTE, B. S., SAWKA, M. N., YOUNG, A. J., FRANCESCONI, R. P. and GONZALEA, R. R. Thermoregulatory responses of middle-aged and young men during dry-heat acclimation. *J Appl Physiol*, v. 65, p. 65 – 71, 1988.

WASTERLUND, D. S. A Review of Heat Stress Research with Application to Forestry. 1998. Elsevier Science Ltda. *Applied Ergonomics* Vol 29 nº3 pp. 179-183.

WENGER, C.B.. Human heat acclimatization. In: PANDOLF, K.B., SAWKA, M.N., GONZALEZ, R.R. Human performance Physiology and environmental medicine at terrestrial extremes. Indianapolis, IN: *Benchmark Press*, p. 153-197, 1988.

WYNDHAM, C. H., STRYDOM, N. B., BENADE, A. J. and VAN RENSBERG, A. J. Limiting rates of work for acclimatization at high wet bulb temperatures. *J Appl Physiol*, v. 35, p. 454 – 458, 1973.

WYNDHAM, C. H., BENADE, A. J., WILLIAMS, C. G., STRYDOM, N. B., GOLDIN, A., HEYNS, A. J. Changes in central circulation and body fluid spaces during acclimatization to heat. *J Appl Physiol*, v. 25, p. 586 – 593, 1968.

8. CONTROLE DE REGISTROS

Identificação	Armazenamento	Proteção	Recuperação	Tempo Mínimo Retenção	Disposição
Anexo I : Planilha de acompanhamento de empregados em Processo de Aclimação	Saúde Ocupacional Prontuário Médico	Prontuário Médico	Unidade/Área	Arquivo inativo 20 anos após desligamento do empregado	Arquivo inativo/morto
Anexo II: Termo de ciência de orientação sobre hidratação adequada	Saúde Ocupacional Prontuário Médico	Prontuário Médico	Unidade/Área	Arquivo inativo 20 anos após desligamento do empregado	Arquivo inativo/morto
Anexo III: Cartão de acompanhamento	Saúde Ocupacional Prontuário Médico	Prontuário Médico	Unidade/Área	Arquivo inativo 20 anos após desligamento do empregado	Arquivo inativ/morto
Anexo IV: Fluxograma de Atendimento	Saúde Ocupacional Prontuário Médico	Prontuário Médico	Unidade/Área	Arquivo inativo 20 anos após desligamento do empregado	Arquivo inativo/morto

9. HISTÓRICO DE REVISÃO

Data da Revisão	Número da Revisão	Descrição das atualizações
30/08/2024	REV.00	Novo programa

10. ANEXOS

Anexo I : Planilha de acompanhamento de empregados em processo de aclimação

Anexo II: Termo de ciência de orientação sobre hidratação adequada

Anexo III: Cartão de acompanhamento

Anexo IV: Fluxograma de atendimento

11. CONSENSADORES

COE
EHS Services - Saúde e Higiene Ocupacional